

# Estereótipos cultivados em seriados: uma análise dos enquadramentos de personagens negros em *Criminal minds*

**Elva Fabiane Matos do Valle\***  
**Joice Ferreira da Silva\*\***

## **Resumo**

*Nesta pesquisa, discute-se a relação entre o cultivo, o frame e os estereótipos em seriados televisivos. Investigou-se o cultivo de estereótipos nos enquadramentos dados aos personagens negros durante a primeira temporada de *Criminal minds* (2005-) e utilizou-se uma metodologia qualitativa com análise de conteúdo. A representação repetitiva de estereótipos negativos em programas televisivos pode influenciar a percepção dos indivíduos sobre a realidade. Neste estudo, questiona-se que tipos de enquadramento são dados nas ficções televisivas.*

**Palavras-chave:** *Estereótipos. Enquadramento. Cultivo. Seriados. Crime fiction.*

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia. E-mail: elvabr@gmail.com. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6329443464150661>>.

\*\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: joicepsi@gmail.com. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7426596234898344>>.



## Introdução

A Teoria do Enquadramento, ou *framing*, sugere que os meios de comunicação podem influenciar a forma de pensar do público sobre determinado assunto, ao salientar determinadas características e ocultar outras, de forma a “to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item describe”<sup>1</sup>. (ENTMAN, 1993, p. 52)

A análise do Cultivo explora a relação entre assistir à televisão e a percepção da realidade; a noção básica é que espectadores que passam muito tempo assistindo televisão adotariam uma visão de mundo moldada pelas ideologias, valores e imagens apresentados na TV (GERBNER *et al.*, 2002; BILANDZIC; BUSSELLE, 2006). Bryant e Miron (2004), em um estudo realizado com jornais em comunicação no período de 1956-2000, relatam que o cultivo está entre as teorias de comunicação mais citadas.

Com o *frame*, o modo pelo qual o assunto é caracterizado nos meios poderia influenciar o entendimento da audiência sobre essa questão (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007), e o cultivo parte do pressuposto de que os *heavy-users* estariam mais suscetíveis a acreditar que o mundo real seria igual à realidade caracterizada nos programas televisivos (BILANDZIC; BUSSELLE, 2006). Pode-se inferir que os enquadramentos, cultivados ao longo do tempo, seriam responsáveis por moldar as ideias do indivíduo no julgamento de questões sociais.

Propõe-se neste artigo, investigar o cultivo de estereótipos por meio do enquadramento dado aos personagens negros durante a primeira temporada de *Criminal minds* (2005). Utilizou-se a metodologia qualitativa de estudo de caso, associada à análise de conteúdo<sup>2</sup>, para avaliar todos os episódios da primeira temporada. Para tanto, realizou-se uma revisão sobre *frame*, cultivo – em que se propõe uma associação entre as duas – e estereótipos.

As séries de TV fazem parte da cultura mediática. O *prime time* da TV americana é sustentado por séries que são difundidas por todo o mundo. *Criminal minds* (2005) é um seriado investigativo que segue uma linha dramática. Produzido pela rede de televisão CBS juntamente com os Estúdios ABC, ganhou 12 prêmios e foi indicado a mais 13, dentre os quais 3 Emmy’s. Nos episódios, ao investigar crimes seriais, os agentes traçam o perfil do suspeito, prevendo seus movimentos antes do próximo crime. Foi criada por Jeff Davis, sua primeira temporada foi ao ar em 2005 e atualmente é exibida a décima primeira temporada (2016).

1 “a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito”. (Tradução nossa)

2 A análise de conteúdo permite uma ligação entre “o formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais” (BAUER; GASKELL, 2011, p. 190). Esta pesquisa se desenvolveu com a articulação de dados quantitativos e qualitativos.

Documentar as tendências nas representações de minorias raciais no horário nobre televisivo serve para dois propósitos: primeiro, é socialmente significativa identificar de que forma minorias são representadas, especialmente para identificar mudanças que ocorreram nessas representações; segundo, a natureza da representação já foi considerada como potencial colaboradora para a perpetuação ou redução de estereótipos. (MASTRO; GREENBERG, 2000)

### Frame, cultivo e as relações com outras hipóteses

Entman (1993) conceitua o *frame* como tornar saliente, em um texto comunicativo, alguns aspectos de uma realidade. Um pouco mais além, é possível implicar que a atividade de enquadrar não estaria limitada ao texto jornalístico e que é possível identificar *frames* em produtos de entretenimento. Contudo, dentre diversas investigações sobre o enquadramento, poucas se debruçam para analisar programas de entretenimento.

Apesar de o entretenimento ser mais consumido que os noticiários (TV DIMENSIONS, 2003; HOLBROOK; HILL, 2005; MULLIGAN; HABEL, 2009), os estudos dos efeitos da comunicação têm se centrado na análise das notícias, ainda que os programas de entretenimento, como seriados, carreguem em seus conteúdos tópicos políticos e sociais relevantes. (MULLIGAN; HABEL, 2009)

Habel e Mulligan (2009) sugerem que a comunicação ficcional pode influenciar atitudes políticas. Na pesquisa, os autores investigaram a influência de assistir ao filme *Cider house rules*, em decisões sobre aborto e questões morais, e os resultados mostraram que o filme influenciou os espectadores nos *frames* mais explícitos. Esse foi um dos primeiros estudos a abordar o enquadramento em obras ficcionais, e apesar de não conclusivos os resultados, essa pesquisa atiza a curiosidade sobre os diversos enquadramentos adotados em outros produtos ficcionais.

Em relação ao cultivo, Gandy e Baron (1998) afirmam:

The cultivation hypothesis assumes that exposure to relatively homogenous representations of social relations helps to shape or cultivate perceptions of social reality. Because prime-time television fiction presents a view of the world that departs in significant ways from the objective social reality of official government statistics, people who spend more time within the world of television will come to understand the world in television terms<sup>3</sup>. (GANDY; BARON, 1998, p. 511)

3 “A hipótese do cultivo assume que a exposição a relações sociais relativamente homogêneas ajuda a moldar ou cultivar percepções da realidade social. Como a ficção do horário nobre televisivo apresenta uma visão de mundo que se afasta de maneira significativa da realidade estatística oficial do governo, pessoas que passam mais tempo no mundo televisivo vão passar a entender o mundo sob os termos televisivos.” (Tradução nossa)

Para Gerbner (1998, p. 181) a análise do cultivo inicia-se com a identificação dos padrões mais recorrentes e estáveis no conteúdo televisivo, que seriam imagens retratadas e valores consistentes com a maioria dos programas. Para Cardoso (2007, p. 15), existem três pontos distintos na investigação do cultivo: a análise do conteúdo, localizando as recorrências e repetições; a pesquisa de opinião, em que seria acessada a “percepção e julgamentos dos indivíduos sobre os mais variados assuntos”; e uma análise comparativa entre os resultados obtidos, na qual a correspondência comprovaria um efeito cultivado.

Brian Quick (2009) examinou a influência de assistir *Grey's anatomy* na construção da imagem dos médicos do mundo real. O objetivo com a pesquisa foi averiguar se a exposição repetitiva a determinados “padrões” poderia moldar a percepção dos espectadores acerca da imagem dos médicos. Investigando os episódios, os resultados demonstraram que os *heavy viewers* da série acreditavam que os médicos do *mundo real* são igualmente corajosos como os personagens da série. (QUICK, 2009)

## Estereótipos

Estereótipos poderiam ser considerados (fotografias) mentais que carregamos na cabeça. Essa primeira definição partiu do trabalho seminal de Lippman (1922 *apud* PEREIRA, 2002). Com base nele, entendeu-se que as impressões sobre os “outros” eram construídas pela articulação entre impressões imediatas e acumuladas ao longo do tempo.

O conceito evoluiu a partir de outras pesquisas, e os estereótipos passaram a ser “processos comuns, utilizados cotidianamente pelos percebedores para lidar com um ambiente social heterogêneo” (PEREIRA, 2002, p. 41). Mas essa visão foi considerada restrita e outros papéis foram buscados dos estereótipos no plano cognitivo, encontrando suporte em trabalhos sobre a influência dessa categorização social na percepção dos indivíduos.

Na década de 1980, a perspectiva da cognição social passou a dominar os estudos dos estereótipos. Sua definição apareceu reestruturada em uma pesquisa de Hamilton e Trolie (1986 *apud* PEREIRA, 2002, p. 40) como “um tipo de estrutura que contém o conhecimento, as crenças e as expectativas do percebedor em relação a algum grupo humano”. Finalmente, então, passou-se a compreender os estereótipos como crenças compartilhadas sobre a homogeneidade ou padrões ou traços de um grupo social. Dessa forma, seria uma generalização, desindividualizando as pessoas.

Ainda de acordo com Pereira (2002), uma das principais características dos estereótipos é a suposição de uma homogeneidade grupal.

Os comportamentos dos indivíduos que compõem um mesmo grupo social, quer de gênero, quer de etnia, nacionalidade e profissional, são percebidos como padrões comuns compartilhados entre todos os membros.

Os estereótipos são crenças; os preconceitos, afetos negativos; e a discriminação, o comportamento manifesto de tratar desigualmente alguém dado o pertencimento a uma dada categoria social. E tudo isso é importante porque, além das injustiças sociais, a discriminação pode ter efeitos negativos na saúde física e mental de suas vítimas, e indivíduos que sofrem discriminação estão mais expostos a estresse, depressão e baixos níveis de satisfação e felicidade. (STANGOR, 2009).

Ao se pensar na maneira como os estereótipos são aprendidos, transformados e difundidos, tem-se um consenso de que em um primeiro momento são nas relações interpessoais (família, amigos, trabalho, escola) que as crenças compartilhadas são transmitidas. Silva (2011) afirma que os livros didáticos usados na educação infantil na Bahia são carregados de estereótipos negativos relacionados aos negros, os quais são apresentados com características desumanizadas, algumas vezes não tratados pelos nomes e associados a animais. Em alguns casos, as personagens de crianças negras são descritas nos livros como más, desobedientes ou, ainda, como espécies de brinquedo da criança branca.

Os adultos representados ocupam papéis sociais de menor prestígio social e, em alguns casos, são apresentados como intelectualmente incapazes e incompetentes.

Além dos livros para crianças, de maneira mais abrangente, os meios de comunicação de massa também fomentam estereótipos negativos aplicados a várias categorias, tais como mulheres, obesos, membros de determinados grupos religiosos, homossexuais e negros. Pereira (2002, p. 47) também corrobora a ideia de que estereótipos são difundidos pelos meios de comunicação de massa e atingem bilhões de indivíduos, “levando à constituição lenta e inexorável do que poderia ser denominado de repertório coletivo dos estereótipos”. Para Stangor (2009), o cinema, a televisão e a internet não apenas criam estereótipos relevantes, mas fornecem também normas sociais. Por outro lado, acredita-se também que os meios de comunicação podem desempenhar um papel significativo na modificação dos estereótipos. Ao utilizarem contraestereótipos repetidamente, é possível esperar que as crenças originais sejam gradualmente transformadas.

### **Análise de *Criminal minds***

Assuming that the influence of exposure to particular *frames* is cumulative, the preponderance of episodic *frames* seems likely to

influence not only one's estimate of the extent of the problem, but one's beliefs regarding the most reasonable or compelling explanation for the facts<sup>4</sup>. (GANDY JR.; BARON, 1998, p. 510)

A escolha de *Criminal minds* teve como parâmetros: a linha dramática, o foco na investigação criminal, o índice de audiência, o canal de origem (rede *broadcasting*), a disponibilidade dos episódios em DVD e a nota no Internet Movie Database<sup>5</sup>. Foram analisados os 22 episódios da primeira temporada de *Criminal minds*, um total aproximado de 16 horas de material. A análise foi norteada com questões: Como os personagens negros foram apresentados? Quantitativamente, foram apresentados mais criminosos brancos ou negros? Personagens negros foram apresentados de forma estereotipada?

Apesar da diversidade de *frames* encontrados nos episódios, o foco nesta pesquisa foi verificar todos os personagens negros que apareceram durante os episódios – figurantes, criminosos, vítimas e policiais –, traçando um paralelo com os personagens de outras raças e etnias. Verificou-se se as representações desses personagens se encaixam nos estereótipos (amplamente difundidos).

Logo no primeiro episódio, são mostrados alguns personagens negros como figurantes. A vítima principal é uma mulher ruiva e os dois criminosos são brancos. Na cena em que visitam o presídio, os espectadores são expostos a maior quantidade de presidiários negros do que brancos. A fala de um dos personagens, o agente carcerário, é carregada de estereótipos ao se referir aos presos como escória e ao optar por proteger apenas prisioneiros brancos. Quando questionado se protegia alguns presos, ele afirma: “Se o carinha for branco, principalmente numa prisão assim” (Vogel, carcereiro).



**Figura 1** – *Criminal minds*: episódio *Extreme agressor*.  
Fonte: IMDB, 2005. DVD 1ª temporada.

4 “Supondo que a influência da exposição a enquadramentos específicos é cumulativa, a preponderância de *frames* episódicos parece influenciar não apenas a estimativa do indivíduo sobre a extensão do problema, mas também suas crenças sobre o que é mais razoável ou atraente na explicação dos fatos.” (Tradução nossa)

5 Cf. INTERNET Movie Database (IMDB). *Criminal minds*. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0452046>>. Durante a seleção do objeto de pesquisa, *Criminal minds* apresentou 8,2 pontos.

No segundo episódio, *Compulsion*, há uma reitora negra de cabelos lisos e olhos azulados. O episódio se passa numa universidade. Dentre os vários figurantes, foram contabilizados apenas três estudantes negros e dezenas de caucasianos. As vítimas desse episódio são estudantes e um professor, todos brancos. Em *Won't get fooled again* as vítimas das bombas eram todas brancas e os dois criminosos envolvidos eram brancos. Na delegacia, vê-se um negro algemado sentado, conversando com um policial branco, apenas figuras de fundo. Outra figura de fundo, desfocada, é um agente penitenciário na biblioteca do presídio.

No episódio *Plain sight*, os crimes ocorreram em um bairro classe média alta, com apenas moradores brancos. Na delegacia, apenas um policial negro, sem fala, tal qual uma figura de fundo. Nesse episódio, há um criminoso principal e um secundário (figurante), que comete uma tentativa de estupro de uma idosa branca. É um jovem comum, desorganizado; o assassino principal do episódio é “sofisticado” e é branco. Há, também, um entregador de água negro, uma profissão que compõe o conjunto de atividades consideradas de menor prestígio, por se tratar de trabalho braçal, tradicionalmente ocupado por negros.



**Figura 2** – *Criminal minds*: episódio *Plain sight*.  
Fonte: IMDB, 2005. DVD 1ª temporada.

Em *The fox*, um homem negro é acusado injustamente de ter assassinado sua esposa caucasiana, os filhos e o padrasto (caucasiano). Esse personagem era abusivo e alcoólatra. Reid, um dos integrantes da equipe, ao ver a fotografia desse personagem diz: “Se alguém pode usar força bruta, é este cara” (Reid, episódio *The fox*). E, mesmo sendo inocente, ele apanhou dos policiais na prisão. Araújo (2000), em uma ampla pesquisa sobre a presença dos negros na telenovela brasileira no período de 1963 a 1997, encontrou-os ocupando uma posição estereotipada, subalterna, no lugar de serviçais ou mesmo como centro de tragédias como a descrita no presente episódio de *Criminal minds*.





**Figura 3** – *Criminal minds*: episódio *The fox*.  
Fonte: IMDB, 2005. DVD 1ª temporada.

Em *The popular kids*, na reunião para divulgação do *profile*, há uma figura de policial negro desfocado, enquanto os outros policiais brancos estão focados. No episódio *Poison*, há a presença de vários figurantes negros atuando como enfermeiros no hospital, seguranças e uma secretária, mas todos são figuras de fundo, sem falas e muitas vezes aparecem desfocados. Apenas uma enfermeira negra tem uma fala e dura menos de um minuto, já o médico (caucasiano) está presente em mais de uma cena. As vítimas, altos executivos em uma empresa, são todas caucasianas. Mais uma vez, fica claro como a ocupação de postos de trabalho é determinada pela cor da pele, seja na série ou no contexto real, nos Estados Unidos ou no Brasil.

No início de *What fresh hell?*, veem-se crianças brincando no parquinho, há apenas uma criança negra nesse meio. A policial responsável pela investigação é negra. Nesse episódio, pela primeira vez, há um repórter negro como figurante, apesar de ele não ter nenhuma fala; nos episódios anteriores, os repórteres são caucasianos. Na reunião de divulgação do perfil do criminoso, há 3 policiais negros entre 14 caucasianos.

Em *A real rain*, um taquígrafo mata criminosos que foram inocentados no tribunal. Entre suas vítimas há um padre acusado de pedofilia, uma jovem acusada de injetar uma dose mortal de heroína no namorado, um negro associado a bebidas alcoólicas (dirigiu alcoolizado e atropelou algumas pessoas) e um jovem negro que mata os pais alegando ter sofrido abuso físico.



**Figura 4** – *Criminal minds*: episódio *A real rain*.  
Fonte: IMDB, 2005. DVD 1ª temporada.

Nesse episódio, mais uma vez, a imagem dos negros está associada a crime violento e uso abusivo de álcool. É um episódio no qual a audiência torce pelo justiceiro. É a primeira vez que aparecem como vítimas personagens negros, mas é justamente o episódio em que o espectador é levado a ter mais empatia pelo criminoso do que pelas vítimas.

## Discussão

No Quadro 1 estão sintetizados os dados encontrados nos episódios analisados. Na primeira temporada, houve 55% dos episódios sem estereótipos e 45% carregavam estereótipos negativos relacionados a negros. À primeira vista, ao se considerar a frequência de personagens negros nos episódios da série estudada, há uma minoria (praticamente ausência) de criminosos negros e quase a totalidade dos crimes foi praticada por brancos. Isso poderia significar a utilização de contraestereótipos, algo bastante positivo. Mas, ao verificar cada aspecto das representações, ou seja, aferindo qualitativamente, percebe-se que esse não é o caso.

No conceito de *frame*, se algo é salientado, outros aspectos são ignorados. Nesta pesquisa, mais importante do que a ausência de criminosos negros é a quase omissão de vítimas de cor negra: em 19 dos 22 episódios foram apresentadas como vítimas personagens brancos. Um pouco distante da representação de contraestereótipos, os enquadramentos identificados estão carregados de estereotipia, como exemplo, o diretor do presídio no episódio *Riding the lightning* (ligação ao crime, não há personagens negros em altos cargos profissionais; o único cargo mais elevado está vinculado a um presídio). Uma investigação sobre a interação de negros e brancos em dramas televisivos revelou que quando membros das duas raças interagiam, somente em 24% das vezes eles foram representados em status igualitários. (ENTMAN; ROJECKI, 2000)

De modo geral, as representações de personagens negros na TV estão associadas à serventia, ao crime e à violência, e a consequência disso é a contínua disseminação de crenças injustas e preconceituosas, processo apontado por Pereira (2002) como infra-humanização dos negros. Nos episódios, foram identificados negros atuando como figurantes nas profissões de enfermeiro, entregador de água, garçons e secretárias. Poucos turistas, pacientes em hospitais, repórteres e apenas uma criança negra no parque dentre diversas de outras etnias. Todos esses personagens sem uma única palavra. Os raros que tinham alguma fala não ficavam em cena por mais de quinze segundos.

## QUADRO 1

### Síntese dos *frames* nos episódios da primeira temporada de *Criminal minds*

Episódio	Crime	Vítima(s)	Criminoso(s)	Policial Responsável	Estereótipos de Negros	Enquadramento
<i>Extreme Aggressor</i>	Sequestro/tortura	Mulheres	2 Homens Brancos	Branco	Sim	Presidiários
<i>Compulsion</i>	Incendiário	Alunos e professor universitário	Aluna de química	-	Sim	Reitora negra de olhos claros e cabelo liso
<i>Won't Get Fooled Again</i>	Bombas	Homem branco, mãe e filhas loiras	Homem branco	Branco	Sim	Algemado na delegacia
<i>Plain Sight</i>	Estupros/assassinatos	Mulheres de classe média-alta	Homem branco	Branco	Sim	Servente
<i>Broken Mirror</i>	Sequestro	Irmãs gêmeas	Segurança	-	Não	-
<i>LDSK</i>	Sniper/Atirador	10 vítimas (7 só aparecem em fotos, nestas há um homem negro)	Enfermeiro	Negra	Não	-
<i>The Fox</i>	Assassinatos	Famílias	Psicólogo	-	Sim	Violento e alcoólatra,
<i>Natural Born Killer</i>	Máfia	Família e um policial	Homem branco	Branco	Não	-
<i>Derailed</i>	Sequestro	Sete passageiros em um trem, entre eles, um jovem que abusa do álcool, e a <i>profile agent</i> .	Homem com surto psicótico	-	Sim	Uso abusivo de álcool
<i>The popular kids</i>	Assassinato	Casal de namorados adolescentes	Colega de escola	Branco	Não	-
<i>Blood Hungry</i>	Canibalismo	Pessoas da cidade	Jovem em surto psicótico	Branco	Não	-
<i>What Fresh Hell?</i>	Pedofilia	Criança branca	Homem branco	Negra	Não	-
<i>Poison</i>	Envenenamento	Pai e filho. Pessoas em um banco. Executivos em uma empresa.	Homem branco	Branco	Não	-
<i>Riding the Lightning</i>	Estupro/ assassinato	13 garotas loiras	Homem branco	-	Sim	Associado à prisão
<i>Unfinished Business</i>	Assassinatos	Mulheres	Homem branco	Branco	Não	-
<i>The Tribe</i>	Assassinatos	Branco/Índios	Branco	Branco e Índio	Não	-
<i>A real rain</i>	Assassinatos	Criminosos não condenados pela justiça	Branco	Negra	Sim	Crimes, álcool e violência.
<i>Somebody's Watching</i>	Assassinato	Atores e produtores de Hollywood	Mulher Branca	Asiático	Sim	Malandro, servente.
<i>Machismo</i>	Assassinato	Idosas mexicanas	Mexicano	Mexicano	Não	-
<i>Charm and harm</i>	Tortura/Assassinato	Mulheres	Homem branco	Branco	Sim	Servente.
<i>Secrets and lies</i>	Assassinato	Agente da CIA, uma mãe e dois filhos árabes	Agente da CIA	Branco	Não	-
<i>Fisher King (1)</i>	Sequestro	Garota, criminosos	Homem	-	Não	-

Fonte: Sistematizado pelas autoras com base nos dados encontrados.



**Figura 5** – *Criminal minds*: representações em diversos episódios. Fonte: IMDB, 2005. DVD 1ª temporada.

Uma personagem negra em profissão prestigiada é a reitora de universidade. Contudo, ela foi representada com traços caracteristicamente caucasianos: cabelos lisos, olhos azulados. E os policiais responsáveis pelas investigações dos crimes são, em sua maioria, brancos (79%).

Mastro e Greenber (2000) revelaram que a representação negativa dos afro-americanos era mais frequente do que a representação negativa de personagens caucasianos e latinos. Eles foram retratados como mais preguiçosos e menos respeitáveis, e suas roupas eram mais provocativas e mais desarrumadas.

É imprescindível comentar o episódio *A real rain* em que foram identificadas duas vítimas negras. Antes de serem vítimas, porém, eles são criminosos, então não acontece a empatia entre o público e a vítima, e sim entre o público e o justiceiro. É uma inversão de papéis, em que se passa a considerar o assassino uma vítima da injustiça e criminosos, as vítimas do justiceiro.

São as nuances, as sutilezas, que importam nos casos de preconceito e discriminação. Personagens negros foram associados à força bruta, à prisão, à malandragem, aos arrombamentos, à personalidade violenta e ao uso abusivo do álcool. Essas associações correspondem aos estereótipos normalmente vinculados. E, como o Pereira (2002, p. 141) afirma, essas representações são “artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos [...] criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos”.

## Conclusão

Os meios de comunicação contribuem para a difusão, a criação, a manutenção ou a transformação dos estereótipos (PEREIRA, 2002; STANGOR, 2009; DASGUPTA, 2009). Os enquadramentos estereotipados dados aos personagens negros no *primetime* da TV, além de perpetuar essa imagem negativa, “frames that create the risk of confirming a negative group stereotype harm the performance of group members<sup>6</sup> (ARONSON; McGLONE, 2009, p. 167). Mesmo como uma figura de fundo, por exemplo, ao haver apenas um negro algemado numa delegacia, tem-se a imagem associada ao crime, ou à serventia, quando quase todos os garçons que apareceram nessa temporada são negros.

Encontram-se estereótipos e preconceitos há muito tempo nas produções audiovisuais, e um exemplo é a personagem “Sunflower”, que parece no filme *Fantasia* (1940) da Disney. No meio de belíssimas centauros brancas, estava a pequena *Sunflower*, apresentada de forma caricaturada com traços menos delicados, como uma servente, arrumando os cabelos das centauros brancas, colocando tapete vermelho para elas passarem. Na década de 1960, essas cenas foram excluídas dado seu teor estereotipado e preconceituoso. E na nova versão, remasterizada lançada

---

<sup>6</sup> “criam o risco de confirmação de um estereótipo grupal que prejudica a performance dos membros desse grupo. (Tradução nossa)

em DVD em 2010, a cena existe, porém foi editada para que a “Sunflower” não aparecesse.



**Figura 6** – “Sunflower”  
Fonte: FANTASIA, 1940.

Apesar de não retratarem diretamente de forma negativa as minorias, como no início da investigação do cultivo, pesquisadores (BUSSELLE; CRANDALL, 2002; WARD, 2004; DIXION, 2007) ainda identificam, nos *heavy viewers*, persistência de distorções da percepção racial. (MORGAN; SHANAHAN, 2010)

Algumas pesquisas mostraram sucesso na redução de estereótipos negativos com a representação de indivíduos do grupo-alvo em situações não estereotipadas (POWER; MURPHY; COOVER, 1996; WEAVER 2011) – por exemplo, a representação de personagens homossexuais mudou significativamente desde 1980, quando os primeiros estudos do cultivo identificaram que os *heavy-viewers* tendiam a não aceitar homossexuais (MORGAN; SHANAHAN, 2010). Para Hart (2004), o aumento na representação de personagens e temáticas *gays* pode aumentar a aceitabilidade. Assim, os resultados de uma investigação sobre a exposição a conteúdos com personagens e temáticas *gays* revelaram que homens religiosos que mais consumiam TV, cinema e revistas (*heavy-users*) apresentaram atitudes positivas de aceitação da homossexualidade. (CALZO; WARD, 2009)

Para Morgan e Shanahan (2010), as pessoas não assistem apenas a um produto/programa televisivo isoladamente; deve-se considerar, também, o contexto geral de programas vistos. Em uma situação de novas tecnologias e possibilidades diversas de consumos dos produtos televisivos

(por exemplo: Netflix, Hulu, DVD's e Blu-ray's, baixar via *torrent*, popularização da TV por assinatura), tornou-se mais conveniente para o espectador selecionar ao que assistir, quando assistir e onde assistir, sem depender apenas da disponibilidade nas grades dos canais, “[...] but they also mean we spend even more time watching<sup>7</sup> (MORGAN; SHANAHAN, 2010, p. 350). À medida que o número de canais continua a se multiplicar, torna-se mais urgente a necessidade de se prestar atenção nas mensagens usualmente divulgadas.

Nesta pesquisa foram relacionadas as pesquisas em *frame*, cultivo e psicologia social. Sabe-se que no estudo de estereótipos, as metodologias desenvolvidas são alvo de críticas; da mesma forma, a determinação do efeito dos meios de comunicação perpassa por críticas. Questões como desejabilidade social e ignorância pluralística tanto nas pesquisas em comunicação como em psicologia social, são cruciais para evitar erros.

Assim, nesta pesquisa, limitou-se a investigar os enquadramentos dados aos personagens negros em uma série criminal, e se esses enquadramentos fazem parte dos estereótipos amplamente conhecidos. Pesquisas futuras podem partir para a análise de outras séries, aumentando, assim, o banco de dados da análise de conteúdo. Uma perspectiva de pesquisa possível e relevante seria um estudo comparativo da evolução da representação de estereótipos numa mesma série e entre estas, comparar as décadas de 1980, 1990 e 2000, antes de seguir para estudo dos efeitos nos indivíduos.

---

### ***Cultivated stereotypes in series: a frame analysis of black characters in Criminal minds***

#### ***Abstract***

*In this research, we discussed the relationship between cultivation, framing and stereotypes in television series. We investigated the cultivation of stereotypes in frames of the Afro-Americans' characters in the first season of Criminal minds (2005), we adopted a qualitative methodology with a content analysis. The repetitive representation of negative stereotypes on television shows may influence the audience's perception about reality. This study inquires what types of frameworks appear in television fiction.*

***Keywords:*** *Stereotypes. Framing. Cultivation. Series. Crime fiction.*

---



---

7 “[...] isso também significa que nós passamos cada vez mais tempo assistindo”. (Tradução nossa)

## Referências

- ANRONSON, Joshua; MCGLONE Matthew. S. Stereotype and social identity threat. In: NELSON, Tood (Ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination*. Psychology Press: New York, 2009. p. 153-178.
- ARAÚJO, Joelzito Almeida de. *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac, 2000.
- BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BILANDZIC, Helena; BUSSELLE, Rick. The perception of distance in the cultivation process: a theoretical consideration of the relationship between television content, processing experience, and perceived distance. *Communication Theory*, Washington, DC, v. 16, p. 333-355, 2006.
- BRYANT, Jennings; MIRON, Dorina. Theory and research in mass communication. *Journal of Communication*, Washington, DC, v. 54, p. 662-704, 2004.
- BUSSELLE, Rick; CRANDALL, Heather. Television viewing and perceptions about race differences in socioeconomic success. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, Washington, DC, v. 46, n. 2, p. 265-282, 2002.
- CALZO, Jerel; WARD, L. Monique. Media exposure and viewers' attitudes toward homosexuality: evidence for mainstreaming or resonance? *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, Washington, DC, v. 53, n. 2, p. 280-299, 2009.
- CARDOSO, Jorge Luiz. Cultivo mediático e suas consequências: um problema e duas propostas para análise de efeitos dos media. *Contemporânea*, Salvador, v. 5, n. 1-2, 2007.
- CRIMINAL minds (TV series). Criador: Jeff Davis. Atores: Thomas Gibson; Mandy Patinkin; Shemar Moore; Lola Glaudini; Matthew Gray Gubler; A.J Cook; Kirsten Vangsnessa. Estados Unidos: ABC Studios; CBS Television Studios, 2005 (6 discos, 942 min).
- DASGUPTA, Nilanjana. mechanisms underlying the malleability of implicit prejudice and stereotypes: the role of automaticity and cognitive control. In: NELSON, Tood (Ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination*. New York: Psychology Press 2009. p. 267-284.
- DIXON, Travis L.; AZOCAR, Cristina L. Priming crime and activating blackness: understanding the psychological impact of the overrepresentation of blacks as lawbreakers on television news. *Journal of Communication*, Washington, DC, v. 57, n. 2, p. 229-253, 2007.
- ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, Washington, DC, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- ENTMAN, Robert M.; ROJECKI, Andrew. *The black image in the white mind*. Chicago, IL: Universidade of Chicago Press, 2000.
- FANTASIA. Direção: James Algar, Samuel Armstrong, Ford Beebe, Hamilton Luske, Jim Handley, Norman Ferguson, T. Hee, Wilfred Jackson, Bill Roberts, Paul Sattersfield. Elenco: Leopold Stokowski, Deems Taylor, Walt Disney, Corey Burton. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1940. (125 m), son., color, animação musical. INTERNET Movie Database (IMDB). *Criminal minds*. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0452046>>
- GANDY JR., Oscar; BARON, Jonathan. Inequality: it's all in the way you look at it. *Communication Research*, Thousand Oaks, CA, v. 25, n. 5, p. 505-527, 1998.
- GERBNER, George *et al.* Growing up with television: cultivation processes. In: BRYANT, Jennings; ZILLMANN, Dolf. (Ed.). *Media effects: advances in theory and research*. 2. ed. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2002. p. 43-67.
- GERBNER, George. Cultivation analysis: an overview. *Mass Communication and Society*, Abingdon, Oxon, v. 1, n. 3-4, p. 175-194, 1998.

HAMILTON, David. L.; TROLIER, Tina K. Stereotypes and stereotyping: an overview of the cognitive approach. In: DOVIDIO, John; GAERTNER, Samuel L. (Ed.). *Prejudice, discrimination and racism: Historical trends and contemporary approaches*. Orlando, FL: Academic Press, 1986. p. 127-163.

HART, Kyo-Patrick. We're here, we're queer – and we're better than you: the representational superiority of gay men to heterosexuals on *Queer Eye for the Straight Guy*. *Journal of Men's Studies*, Harriman, TN, v. 12, n. 3, p. 241-253, 2004.

HOLBROOK, R. Andrew; HILL, Timothy G. Agenda-setting and priming in prime time television: crime dramas as political cues. *Political Communication*, v. 22, p. 277-295, 2005.

INTERNET Movie Database (IMDB). *Criminal minds*. DVD 1ª temporada. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0452046/>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

LIPPMANN, Walter. *Public opinion*. New York: Macmillan, 1922.

MASTRO, Dana E.; GREENBERG, Bradley S. The portrayal of racial minorities on prime time television. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, Washington, DC, v. 44, n. 4, p. 690-703, 2000.

MORGAN, Michael; SHANAHAN, James. The state of cultivation. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, Washington, DC, v. 54, n. 2, p. 337-355, 2010.

MULLIGAN, Keneth; HABEL, Philip. An experimental test of the effects of fictional framing on attitudes. *Social Science Quarterly*, Norman, v. 92, p. 79-99, 2009.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: Pedagógica Universitária, 2002.

POWER, Gerard; MURPHY, Sheila; COOVER, Gail. Priming prejudice: how stereotypes and counter-stereotypes influence attribution of responsibility and credibility among ingroups and outgroups. *Human Communication Research*, Washington, DC, v. 23, p. 36-58, 1996

QUICK, Brian. The effects of viewing grey's anatomy on perceptions of doctors and patient satisfaction. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, Washington, DC, v. 53, p. 38-55, 2009.

SCHEUFELE, Dietram; TEWKSBURY, David. Framing, agenda setting and priming: the evolution of three media effects models. *Journal of Communication*, Washington, DC, v. 57, p. 9-20, 2007.

SILVA, Ana Célia. *A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?* Salvador: Edufa, 2011.

STANGOR, Charles. The study of stereotyping, prejudice and discrimination within social Psychology: a quick history of theory e research. In: NELSON, Tood (Ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination*. New York: Psychology Press, 2009. p. 1-22.

TV DIMENSIONS. New York: Media Dynamics, 2003.

WARD, L. Monique. Wading through the stereotypes: positive and negative associations between media use and black adolescents' conceptions of self. *Developmental Psychology*, Washington, DC, v. 40, n. 2, 284-294, 2004.

WEAVER, Andrew J. The role of actors' race in white audiences' selective exposure to movies. *Journal of Communication*, Washington, DC, v. 61, p. 369-385, 2011.

WEAVER, David. Thoughts on agenda setting, framing, and priming. *Journal of Communication*, Washington, DC, v. 57, p. 142-147, 2007.

Enviado em 29 de setembro de 2015.

Aceito em 25 de abril de 2016.